

APRESENTAÇÃO

O ensino de História é o tema central dos artigos que compõem este dossiê temático da *Revista Solta a Voz*. A publicação de textos que se ocupam da apresentação de ideias relacionadas a esse tema faz parte do reconhecimento da importância que esse campo ganhou nas duas últimas décadas. Neste sentido, é significativo ressaltar o grande crescimento de pesquisas que, ao longo dos anos, construíram diálogos profícuos entre o debate acadêmico historiográfico e as diferentes discussões sobre educação elaboradas nos campos da pedagogia, da psicologia e da sociologia (para dar apenas alguns exemplos). Por meio de novas problematizações, foram feitas diversas articulações entre o saber de referência do campo da História, os saberes docentes constituídos no processo de transformação dos historiadores em professores de História e os saberes escolares elaborados no interior das escolas, na relação construída entre os professores, os alunos, os currículos e a cultura escolar.

Por outro lado, o ensino de História tornou-se um campo de grande relevância no debate atual sobre a educação básica, haja vista a exigência, cada vez mais frequente, de reflexões sobre a relação entre o passado e a formação da cultura e dos valores contemporâneos. Além disso, as diversas políticas públicas educacionais implementadas no Brasil desde os anos 1990 têm colocado outros desafios para a configuração de uma história escolar. Um exemplo significativo advém da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que defendem algumas integrações entre as disciplinas escolares por meio do ensino de temas transversais, que, embora tão recorrentes no vocabulário atual dos professores da escola básica, ainda constituem desafios para uma educação preocupada com a construção de valores universais e cidadania, e com o conhecimento de experiências históricas específicas de grupos e sociedades às quais os alunos estão vinculados.

No mesmo contexto, vivemos o desafio de ensinar em um mundo repleto de imagens e códigos culturais apresentados por diferentes suportes técnicos e que compõem um diversificado conjunto de novas linguagens,

que estimulam, seduzem e possibilitam problematizar a construção do conhecimento histórico. Além disso, vale ressaltar que a criação de leis, como as de números 10639/2003 e 10645/2008, que tornam obrigatório o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Indígena nas escolas de educação básica brasileiras, possibilitou a ampliação do debate sobre a necessidade de educar para a diversidade e a pluralidade cultural.

Neste cenário, a sala de aula de História tornou-se um lugar complexo, marcado pela emergência de um presentismo, que, em geral, acompanha as percepções e expectativas de crianças e jovens, apesar de contraposto à necessidade de problematização e construção de sentidos para essas relações entre o passado e o presente e às múltiplas ligações que se podem estabelecer entre diferentes culturas, memórias e identidades, em diferentes tempos e espaços.

Quando idealizamos a organização deste dossiê, esperávamos o recebimento de propostas que nos possibilitassem o acesso a diferentes temas e abordagens que compõem o conjunto atual das pesquisas em ensino de História. Para nossa satisfação, o resultado não foi diferente do imaginado. Reunimos textos que nos possibilitam pensar sobre os caminhos possíveis para a configuração de saberes históricos escolares, como a discussão sobre currículos, a relação entre os livros didáticos e a construção do conhecimento histórico na sala de aula, a incorporação da renovação historiográfica nos materiais de ensino, o uso de fontes históricas, para citar apenas alguns exemplos dos temas que compõem este dossiê. Além disso, vale destacar que o conjunto de artigos apresentados pertence a autores com as mais distintas orientações teóricas e vinculações institucionais, o que diversificou ainda mais as abordagens apresentadas e o alcance desta publicação. Pelo recorte histórico-espacial obtido, acredito que os artigos representam uma amostra significativa do atual campo de estudos e pesquisas em ensino de História no Brasil.

O primeiro artigo, “A História Geral de Delgado de Carvalho: uma coleção entre críticas e discordâncias (1950-1960)”, analisa alguns aspectos da história escolar por meio dos debates, das críticas e dos conflitos acadêmicos ocorridos na década de 1950, em torno da coleção *História Geral*, destinada ao aperfeiçoamento de professores secundários e elaborada por Carlos Delgado de Carvalho, professor catedrático de História Moderna e Contemporânea da Universidade do Brasil à época.

No segundo artigo, “Memória coletiva e saber histórico escolar: o ensino de História de Santa Catarina nas Propostas Curriculares após o final da Ditadura Militar (década de 1990)”, a história escolar é analisada com base em dois documentos oficiais produzidos na década de 1990 pela Secretaria de Educação daquele estado: as Propostas Curriculares de 1991 e 1998. A partir daí, é feita uma investigação do processo de construção, seleção e mudança na organização curricular que produziu uma determinada noção de memória coletiva, que passou a ser difundida nas instituições escolares. A história de Santa Catarina é também discutida no artigo “Escrevendo um livro didático de história: um entrelaçamento entre questões teóricas e práticas”, no qual a autora expõe a sua experiência de escrita do livro “Santa Catarina de todas as gentes: história e cultura”, destinado ao 4º ou 5º ano do Ensino Fundamental e que integra o Programa Nacional do Livro Didático/2010. São destacados os desafios que envolveram a organização do livro, tais como a construção de um referencial teórico, a escolha de uma proposta metodológica e a seleção de temas e questões consideradas relevantes na produção escrita sobre a história de Santa Catarina.

Sob uma outra perspectiva, o texto “O que as lições de História ensinam sobre a África? Reflexões acerca das representações da história da África e dos africanos nos manuais escolares brasileiros e portugueses” analisa o papel que os livros escolares de história utilizados nas escolas de educação básica do Brasil e de Portugal têm na construção de imagens sobre a África entre os alunos de ambos universos atlânticos, bem como as possibilidades que esses materiais de ensino possuem na construção de outras leituras daquele continente e/ou das trajetórias históricas dos povos africanos. O livro didático é também objeto de análise do artigo “Livros didáticos brasileiros e as abordagens da história colonial: problemas e possibilidades na reflexão sobre a cidadania”, no qual os autores problematizam a incorporação da renovação historiográfica em manuais didáticos apresentados no PNLD de 2003, por meio da discussão dos usos da Teoria da Dependência na interpretação da economia colonial brasileira, apresentando outras possibilidades de se pensar a economia e a sociedade brasileira do período.

A preocupação com a relação entre a história ensinada e a construção de uma cidadania também pode ser vista no artigo “História e documentários: reflexões para o uso em sala de aula”, no qual o autor problematiza o uso de documentários em sala de aula, defendendo que a análise desses

materiais requer uma compreensão das várias etapas de sua produção e das subjetividades envolvidas nesse processo. Enfatiza o autor que, se incorporados ao processo de ensino-aprendizagem, os documentários constituem um aspecto relevante na formação de um aluno crítico e cidadão.

“O projeto de ensino de História do Cepae: itinerários para a prática pedagógica” é o último artigo deste dossiê, no qual as autoras analisam alguns dos eixos da proposta teórico-metodológica do ensino de História do Cepae/UFG que possibilitaram a unificação do trabalho pedagógico dessa disciplina nas séries iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio da instituição. Além disso, o texto se dedica a explicitar as concepções teóricas dessa proposta de ensino, assim como os procedimentos e os objetivos elaborados para o processo de construção de um saber histórico escolar.

A resenha apresentada nesta edição também se dedica a analisar o ensino de História, por meio do livro *Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido*, dos autores Selva Guimarães Fonseca e Marcos Silva, publicado pela editora Papirus em 2007. Trata-se de uma reflexão bastante relevante sobre questões que envolvem o ensino de História na atualidade, tais como a relação entre a pesquisa e a formação de professores, as relações entre o ensino de História e o multiculturalismo, o uso de fontes e as possibilidades oferecidas pelo computador como ferramenta de trabalho e pesquisa na sala de aula, entre outros assuntos que refletem sobre a dinâmica entre as mudanças e as permanências da prática docente.

Quero agradecer a todos os autores que participaram da composição deste dossiê e que colaboraram efetivamente em todas as etapas de preparação dos textos. Agradeço a todos os colegas que auxiliaram na divulgação do trabalho da revista e que contribuíram para que o resultado final fosse tão positivo. Quero, também, prestar uma homenagem especial à professora Andréa Ferreira Delgado, atualmente professora da Universidade Federal de Santa Catarina, mas que por muitos anos trabalhou como professora de História do Cepae/UFG, onde desenvolveu trabalhos relevantes, tanto na sala de aula como na pesquisa sobre o ensino de História, tendo também contribuído na realização de importantes trabalhos coletivos da instituição. Este dossiê, inicialmente proposto por ela, tornou-se uma de suas tarefas, à qual tive o privilégio de dar continuidade, pois o seu trabalho, sempre marcado pela organização, coerência e qualidade, muito nos inspira em nosso trabalho cotidiano.

Por fim, quero dedicar este dossiê a todos os professores e professoras de História que aceitam cotidianamente o desafio de orientar a construção de conhecimentos nas escolas e nas salas de aula. Esse trabalho, na maioria das vezes anônimo e solitário, é sempre repleto de possibilidades para a construção de outros sentidos para a vida dos alunos.

Que a leitura dos textos seja bastante proveitosa e inspire novas pesquisas e experiências pedagógicas.

Mônica Martins da Silva